



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 020

ALIENAÇÃO E CONTINGÊNCIA

Franz Josef Brüzeke

Belém, Abril de 1994

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Marcos Ximenes Ponte

Vice-reitor

Zélia Amador de Deus

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Francisco de Assis Costa

Diretor Adjunto

Tereza Ximenes Ponte

Conselho editorial do NAEA

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

Setor de Editoração

E-mail: editora_anae@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_anae@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 020

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

ALIENAÇÃO E CONTINGÊNCIA

Franz Josef Brüzke

Resumo:

O presente artigo discute os conceitos de alienação e contingência. O primeiro pode ser entendido como manifestação da anomia no nível individual; o sentimento da anomia provoca o que Camus chamou o sentimento do absurdo; o ato decisivo de Sartre reconstrói de forma arbitrária o sentido da ação social, tentativa que é condenada de antemão ao fracasso, pois o sentido é sempre sintético. O segundo, também chamado de leitura corretiva, interpreta a concretização do absoluto. O absoluto para se manifestar como infinito necessita do finito. O eu finito e o ato da definição do absoluto como ser finitizam o absoluto. Assim, desde o seu ponto de partida, a dialética contém um elemento de contingência e a possibilidade da liberdade está resgatada. Necessidade e contingência permeiam todas as sínteses parciais do processo dialético.

Palavras-chave: Alienação. Contingência. Dialética.

Introdução

“A sociologia transforma-se para a ciência da crise par excellence ocupando-se acima de tudo com os aspectos anômicos da dissolução das sociedades tradicionais e do surgimento dos sistemas sociais modernos” (Habermas)¹.

Robert A. Nisbet define como idéias-unidades da sociologia a comunidade, a autoridade, o status, o sagrado e a alienação. Aqui interessante para nós é a noção de alienação do Nisbet: “A alienação é uma perspectiva histórica, na qual o homem é visto como alheio, anômico e desarraigado, quando separado dos laços que o unem à comunidade e aos propósitos morais”². Aí está sendo construído uma ponte entre a anomia e a alienação. Será que a sociologia respectivamente, a filosofia tem uma noção inconsciente³ do caos através da noção da alienação?

A alienação pode ser entendida como manifestação da anomia no nível individual; o sentimento da anomia provoca o que Camus chamou o sentimento do absurdo; o ato decisivo de Sartre reconstrói de forma arbitrária o sentido da ação social, tentativa que é condenada de antemão ao fracasso, pois o sentido é sempre sintético. No sentido ligam-se os elementos sociais e criam um padrão que no nível individual é percebido como segurança. A perspectiva desesperada do existencialismo afirma-se na busca individual do sentido no meio da anomia social.

O jovem Marx acha visões anômicas ilusionárias, elas são resultado da alienação⁴, fingindo a falta de nexos onde, na verdade, domina o sistema da divisão de trabalho, objetivando a multiplicação da força produtiva do trabalho. “O poder social, isto é, a força produtiva multiplicada que nasce da cooperação de vários indivíduos exigida pela divisão do trabalho, aparece a estes indivíduos, porque sua cooperação não é voluntária, mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas como uma força estranha situada fora deles, cuja origem e cujo destino ignoram, que não podem mais dominar e que, pelo contrário, percorre agora uma série particular de fases e de estágios de desenvolvimento,

¹ Habermas, Jürgen (1988, 1981) *Theorie des kommunikativen Handelns*. Vol.1, p.19.

² Robert A. Nisbet. *As idéias-unidades da sociologia*. In: José de Souza Martins (Orgs.) *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo 1986: Hucitec, p.45. Original: Robert A. Nisbet, *The Sociological Tradition* (Cap.1, *The unit-ideas of sociology*) Heinemann: London 1973, pp. 3-20.

³ Veja do Joachim Israel (1972) *Der Begriff Entfremdung - Makrosoziologische Untersuchung von Marx bis zur Gegenwart*. Reinbek bei Hamburg 1972. A análise de Israel sobre a alienação afirma a nossa hipótese. Israel escreve. "Während gemäß individual-orientierten Entfremdungstheorien die gesellschaftlichen Kräfte zu stark werden und so die Selbstverwirklichung des Individuums verhindern, läßt gemäß gesellschafts-orientierten Theorien die Strenge der gesellschaftlichen Normen eine Entfremdung nicht zu. das Nachlassen dieses Normenzwangs führt zum Chaos. Durkheim erklärt, daß es in solchen Situationen keine Regeln gibt, die bestimmen, was möglich oder unmöglich, richtig oder falsch ist, welche Forderungen normal und welche übertrieben sind. Für die Forderungen des Individuums gibt es daher keine Grenze." (Israel, *ibid.*, p.174).

⁴ A palavra alemã *Entfremdung* expressa melhor do que a língua portuguesa (e as outras da mesma família) a conexão entre o *estranho* (das Fremde, der Fremde) e a alienação (die Entfremdung).

independente do querer e do agir dos homens e que, na verdade, dirige este querer e agir”⁵. Para o indivíduo a situação vira algo estranho, porque surgiu um nexos objetivo - a sociedade industrial desdobrada - que ele não produziu conscientemente, que ele não entende e não sabe dominar. Os indivíduos não sabem para onde eles vão e de onde eles vêm⁶; eles encontram-se numa economia absurda, que aparentemente não tem sentido. Necessita-se do esclarecimento deste Ser social alienado através da consciência (Ser-consciente) econômico-política, para capacitar o indivíduo, a denominar os acontecimentos confusos nos quais ele está preso. *Nomen est Lux*. Para o ser consciente aparece agora a situação social como um mecanismo de causa e efeito e o sentimento do absurdo está sendo superado pelo sentimento de estar no caminho certo. Caminho que leva, todavia, durante a existência da sociedade capitalista, através de um campo escuro, mas que está iluminado pela certeza de um futuro claro⁷.

Desde o surgimento da sociedade moderna o conceito alienação vem sendo usado freqüentemente em relação ao estado psíquico ou em relação a processos sócio-econômicos. Assim define Seemann, um representante da corrente psicologizante, cinco experiências individuais da alienação: a.) isolamento, b.) falta de normas, c.) falta de sentido, d.) impotência, e e.) alienação de si mesmo.⁸ Nós vemos como estes estados psíquicos se interligam com experiências emocionais do Meursault e Roquentin, descritos por Sartre e Camus.⁹ A filosofia de existência radicalizou seu conceito de alienação numa direção ontológica, concebida individualisticamente mas, somente com dificuldades, entendível como psicológico.

⁵ K. Marx, F. Engels (1987) *A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)* Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec; p. 49-50.

⁶ Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?
José, Carlos Drummond de Andrade (in: poemas, 1942).

⁷ Como o texto de uma velha musica do operariado alemã diz :

Brüder zur Sonne, zur Freiheit,	Irmaus ao sol, à liberdade,
Brüder zum Lichte empor,	Irmaus à luz,
hell aus dem dunklen Vergangnen	ao claro, de um passado triste,
leuchtet die Zukunft hervor!	o brilho do futuro nos conduz!

(trad. FJB)

⁸ M. Seemann (1961) On the meaning of Alienation. In: *American Sociological Review* XXVI, p.753-758.

⁹ Veja o nosso texto "A Anomia e a consciência do Absurdo", Paper N° 19, NAEA, UFPa, Belém 1994.

O conceito sócio-econômico de alienação, pelo contrário, coloca a experiência individual em relação com a sociedade e identifica na estrutura dela a causa para os ferimentos do indivíduo. Nos seus *manuscritos econômicos-filosóficos*¹⁰ Marx destacou ainda a teoria de alienação antropológica - filosófica na tradição crítica de Hegel, mas nos seus trabalhos posteriores como nos *Grundrisse*¹¹ ou no *Capital*¹² esta torna-se nitidamente sócio-econômica.

De fato o conceito de alienação é hoje um conceito ambíguo abrangendo tanto as sensações subjetivas como o instrumental à mão (Heidegger). Assim assimila-se ao conceito de anomia que visa o estado social sem regras (Durkheim), como a sua experiência pelo indivíduo. Essa ambigüidade, na primeira vista perturbante, mostra-se em seguida como adequada. O caos não existe em si, mas, sempre e exclusivamente, em relação a quem que procura uma medida. Por isso o seu entendimento depende de conceitos subjetivos-objetivos, permitindo-nos por enquanto essa expressão.

Alienação é impensável sem um oposto. A questão é: o que é estranho? o que é alienado? Ou: alienado de que? A alienação só pode ser pensada simultaneamente com o não-alienado certo ou normal. O conceito de alienação pressupõe um conceito da natureza verdadeira do homem ou da sociedade partindo do qual se obtém uma noção dos atos e estados falsificados ou alienados. A imagem do homem - colocações sobre a essência ou a natureza do homem - e o ideal social entraram na noção da alienação e partem de uma visão do normal, em geral não explicitamente formulado. Um estado específico empiricamente constatável ou um objetivo desejado estão sendo entendidos como normal e formam implicitamente a base da definição de fenômenos alienados.

Foram basicamente três tradições essenciais que influenciaram o conceito de alienação de Marx: a filosofia rousseauiana, estudada de forma intensa pelo jovem Marx, a crítica romântica à sociedade industrial em formação e finalmente a filosofia hegeliana. O conceito de alienação de Marx mesmo abrange essencialmente os seguintes aspectos: a.) a alienação religiosa (na base da crítica á Feuerbach), b.) a alienação política (na base da discussão da teoria do Hegel), c.) a alienação econômica, dominando no decorrer do desenvolvimento da teoria do Marx cada vez mais os primeiros dois aspectos.

O conceito de alienação de Marx é o conceito da alienação dos outros. O Eu Marx escrevendo dispõe sobre o saber da alienação do homem da natureza verdadeira do homem. O autor mesmo parece estar deslocado do mundo, equipado com a capacidade de distinção independente do Estado e da

¹⁰ Karl Marx. *Ökonomisch-Philosophische Manuskripte*. In: Karl Marx. *Texte zu Methode und Praxis II - Pariser Manuskripte 1844*. Hamburg 1968: Rowohlt

¹¹ Karl Marx. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie - Rohentwurf 1857-1858*. Frankfurt, Wien: Europäische Verlagsanstalt. Facsimile da edição de 1939 (1.vl.) e 1941 (2.vl.) da editora para literatura estrangeira: Moscow.

¹² Karl Marx. *Das Kapital*. In: Marx Engels Werke, vl. 23; Berlin: Dietz Verlag, 1972. Reprodução da quarta edição do *Capital*, revisada por Friedrich Engels em 1890

sociedade.¹³ A crítica radical do mundo falso¹⁴ transborda da certeza do mundo verdadeiro. Este, porque inexistente, virou necessariamente um projeto de um futuro grandioso. Como fica modesto Camus ao lado do crítico da alienação Karl Marx! Lembremo-nos, Camus confessa um sentimento: o do absurdo. Na medida em que Marx trabalha com uma noção implícita da natureza verdadeira do homem, os fenômenos de alienação só podem ter para ele um caráter acidental. Os pensamentos encontrados na consciência alienada são *ilusões sobre a realidade* e dissolvem-se junto com a conscientização do homem. A *existência do cidadão abstrato* é uma ficção e deve ser anulada. E a alienação econômica (exteriorização, *ökonomische Entäußerung*), a base de todos os males, esta sendo, através das *armas da crítica* da economia política, desmascarada como tal e acompanhada pelo *grito do galo gálico ... abolida*¹⁵.

A regressão atrás do entendimento da sociedade como sistema aberto, que nós podemos observar no marxismo partidário, tem uma das suas raízes mais fortes na filosofia de Hegel, ou melhor, numa determinada interpretação de Hegel. Foi o próprio Marx que digeriu mal a interpretação hegeliana da necessidade e da contingência¹⁶ e contaminou com ela toda sua obra. Para explicar melhor: São possíveis duas leituras de Hegel. Uma, a mais comum e clássica, entende a dialética do necessário e contingente dissolvida na síntese predominada pela necessidade. A liberdade que nasce da contingência é a necessidade totalmente transparente a si mesma. "A liberdade é a verdade da necessidade"¹⁷. A segunda leitura, que pode ser chamada como leitura corretiva, ligada a autores como

¹³ "Aber der Mensch, das ist kein abstraktes außer der Welt hockendes Wesen. Der Mensch, das ist die Welt des Menschen, Staat, Sozietät." (K.Marx. Einleitung zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. In: Marx-Engels- Studienausgabe, Bd, 1, S.17. Frankfurt a.M.: Fischer, 1966)

¹⁴ Marx, *ibd.*

¹⁵ As expressões marcadas referem-se aos escritos de Marx dos anos 1843-1847.

¹⁶ Podemos constatar uma certa pobreza da língua alemã, tão prestigiada como língua filosófica, no campo do acaso. A palavra contingência não tem o seu par em alemão. Uma tentativa de tradução da >contingência<: zufälliges Sein; ou melhor: Sein, das so ist wie es ist, aber auch anders sein könnte. Husserl entende a contingência (Zufälligkeit) como característica do objeto individual, somente a essência possui necessidade. O fenômeno individual é casual (zufällig), porque poderia ser diferente. A essência possui necessidade porque ela é como ela é, e não pode ser diferente. O *eidos* (Wesen, essência) define os limites da variação da individualidade de um objeto. Se eu quero falar com razão de uma >mangueira< , tenho que respeitar certos limites. Uma mangueira cortada em pedaços não é mais uma mangueira. Mas existem mangueiras singulares maiores ou menores, com frutas ou sem frutas, que apesar do fato que elas desenvolveram casualmente certas características individuais estão sendo denominadas >mangueiras< com razão. Segundo Husserl existem leis de essência (Wesensgesetze) que, tendo validade universal, podem ser identificadas independente da experiência empírica. As leis empíricas são casuais. Logicamente uma lei empírica poderia ter uma outra forma, sua verdade é contingente. A experiência confirma sua validade. Pelo contrário, a lei da essência é independente da experiência, ela tem qualidade apriorística. Sobre o conceito >contingência< veja também: Becker-Freyseng, A. (1938) Die Vorgeschichte des philosophischen Terminus >contingens<. ou Bandry, L. (1950) La Querelle des futurs contingents, Paris.

¹⁷ Hegel (1986) Wissenschaft de Logik I & II. Frankfurt am Main: Suhrkamp, §158; Esp: Hegel (1968) Ciência de la Lógica. Buenos Aires: Solar, Hachette. §158

Schelling¹⁸, interpreta a concretização (exteriorização) do absoluto como sendo também contingente.¹⁹ O absoluto, para se manifestar como infinito, necessita do finito. O eu finito e o ato da definição do absoluto como ser finitizam o absoluto. Assim, desde o seu ponto de partida, a dialética contém um elemento de contingência e, a possibilidade da liberdade está resgatada. Necessidade e contingência permeiam todas as sínteses parciais do processo dialético. O que necessariamente é, podia não ser. Thadeu Weber anota com razão que o *sistema* de Hegel transforma-se nessa perspectiva num *sistema aberto*.²⁰ Mas o mesmo autor alerta: “Não pretende (...) dizer que não haja limites para a liberdade, pois isso seria cair num outro extremo, onde a contingência dominaria sobre a necessidade. Isso gera anarquia, onde cada um escreve o roteiro de sua história, como bem entende”²¹. Apesar do temor durkheimiano do autor do caos social, leva o seu próprio raciocínio para uma possibilidade não excluível de ante-mão: uma constelação onde a contingência cria turbulências no campo histórico, que levam com uma certa necessidade ao colapso da ordem, pelo menos temporariamente, seja no nível do conceito ou do real. A lógica da decadência (*Logik des Zerfalls*)²² merece atenção analítica apesar do horror que o analista sente no ato da análise. Aí se assemelha a situação do sociólogo da sociedade global em crise a situação do psicólogo do indivíduo neurótico. Só que o psicanalista dispõe, frente ao drama e sofrimento individual de seu cliente, sobre técnicas, tentando evitar transferências, que visam ao não-envolvimento da própria pessoa nos processos emocionais do analisando. Um analista que tem medo dos medos do seu cliente seria um mau analista. Um sociólogo que está com medo do caos social cria de ante-mão barreiras que dificultam o entendimento adequado da lógica da decadência.

A interpretação necessária de Hegel reprime a contingência em favor da necessidade. No movimento circular da tese e antítese estão sendo guardados e superados os elementos dos dois, mas na perspectiva da leitura clássica do Hegel, fica a contingência cada vez mais fraca. Pode surgir então uma visão do fim da história onde a necessidade dominou finalmente o contingente. No marxismo ortodoxo adotado pelos países do antigo bloco soviético e outros, dominou esta leitura da história, mostrou um hegelianismo clássico subcutâneo, e eliminou a chance de desenvolver a *também* tradição em Hegel e Marx, que mostra sensibilidade para a fragilidade da ordem moderna.

¹⁸ Outros autores que tendem para uma leitura semelhante são M. Theunissen, Denis L. Rosenfield, G. Jarczyk, J. Labarriére etc.

¹⁹ Karl Löwith e Manfred Riedel escrevem: "...für Hegel gibt es in der Natur, aber auch inmitten der Geschichte, eine ganze Realitätsschicht der Zufälligkeit, die sich dem Begriff entzieht..." (... "para Hegel existe na natureza, mas também dentro da história, uma camada inteira da realidade, que foge do conceito...") K.Löwith. M.Riedel in: Hegel Studienausgabe, Vol.3, p.9. Frankfurt: Fischer Verlag, 1968.

²⁰ Thadeu Weber (1993) Hegel: Liberdade, Estado e História. Petrópolis, RJ: Vozes, p.38.

²¹ Th. Weber, op.cit., p.40.

²² A expressão lógica da decadência (*Logik des Zerfalls*) é do Th. W. Adorno (1970) Negative Dialektik. Frankfurt am Main: Suhrkamp, p.407.

Também Max Weber partiu de uma leitura clássica de Hegel, ele integrou na sua tese da racionalização crescente da sociedade a tese da diminuição procedente de alternativas. A sua *jaula de ferro* é um sistema de necessidades do qual não tem saída, é um sistema fechado.

O sentimento do absurdo pode ter como a sua causa tanto a confrontação com a contingência como com o sistema de necessidades. A alienação pode ser entendida como a distância entre o homem e o contingente ou o sistema de necessidades. Uma distância que permite uma vez a reflexão, e tem nesse sentido para Hegel uma função positiva²³, e por outro lado pode significar o distanciamento do homem da sua *natureza verdadeira*. Bem-estar emocional promete a identidade tanto com a contingência quanto com o sistema. O caráter autoritário (Horkheimer, Adorno) não sofre com a sua submissão a ordem superior, pelo contrário, ele realiza nesse ato o seu projeto de vida. Filosofias necessitárias como o protestantismo ou o marxismo ortodoxo desenvolveram formas congruentes aos padrões sistêmicos do industrialismo. Podemos observar também a cultivização da felicidade contingente. Aqui o individuo abri-se para sensações não previsíveis, como o amor não-esperado, o reflexo do sol num copo de cristal, e tira deles prazer. O uso não ritualizado de entorpecentes estimula de forma artificial a felicidade contingente. Culturas hedonistas têm em geral pouca afinidade com as necessidades do industrialismo, e entram em contato com ele em crise.

Cada tradição depende da eliminação da contingência. Ela tende de causar a impressão da eternidade da regra social. A percepção da regra social como contingente, a consciência de que ela também poderia ser diferente, tem potencial revolucionário ou criminal. A barreira na filosofia social, antes do surgimento da sociedade burguesa, mas com fortes influências até hoje, de pensar o contingente, baseia-se nessa proibição de pensar em alternativas. A alternativa comportamental é o

²³ Hegel emprega o conceito da alienação de forma positiva, quando ele fala sobre o processo da formação teórica. Ele escreve nos *Gymnasialreden* de 1809: "Für die Entfremdung, welche Bedingung der theoretischen Bildung ist, fordert diese nicht diesen sittlichen Schmerz, nicht das Leiden des Herzens, sondern den leichtern Schmerz und Anstrengung der Vorstellung, sich mit einem Nicht-Unmittelbaren, einem Fremdartigen, mit etwas der Erinnerung, dem Gedächtnisse und dem Denken Angehörigen zu beschäftigen." E em outro lugar: "Um aber zum *Gegenstände* zu werden, muß die Substanz der Natur und des Geistes uns gegenüber getreten seyn, sie muß die Gestalt von etwas Fremdartigen erhalten haben." (Hegel, *Gymnasialrede* von 1809, in: Hegel Studienausgabe 1, p.35, Karl Löwith e Manfred Riedel orgs., Frankfurt e Hamburg: Fischer). Bertolt Brecht usa na sua concepção do teatro épico o *efeito de alienação* (*Verfremdungseffekt*) para estimular e ampliar a capacidade refletiva do público.

"Selbst die kleinste Handlung, scheinbar einfach
betrachtet mit Mißtrauen! Untersucht ob es nötig ist
Besonders das Übliche!
Wir bitten euch ausdrücklich, findet
Das immerfort Vorkommende nicht natürlich!
Denn nichts werde natürlich genannt
In solcher Zeit blutiger Verwirrung
Verordneter Unordnung, planmäßiger Willkür
Entmenschter Menschheit, damit nichts
Unveränderlich gelte".

inimigo potencial da tradição social²⁴ e da situação atual. Sartre refere-se ao esse fato quando ele escreve: ...”a partir do dia, no qual nós poderemos pensar um outro estado das coisas, cairá uma luz nova a nossa pena e ao nosso sofrimento e *decidiremos*, que elas são insuportáveis.”²⁵ A liberdade de realizar este ou aquele projeto tem para Sartre uma qualidade ontológica. O homem não pode fugir da sua liberdade. Ele é condenado a ser livre. Até a aceitação de uma dada situação é resultado da livre vontade do homem. Assim o indivíduo pode ser interpretado como resultado da realização do seu próprio projeto. Aceitando a posição de Sartre abri-se a nosso ver uma brecha para a dessincronização dos atos individuais. Quem garante a coesão de bilhões de atos individuais que estruturam dia a dia a realidade da sociedade global? Nas últimas três páginas do >Ser e Nada< tematiza Sartre as *perspectivas éticas*. E promete dedicar o seu próximo livre à reflexão sobre a ética na base da sua ontologia, que entende a liberdade como qualidade existencial do homem. Como nós sabemos desistiu Sartre deste projeto. Sua realização seria um passo importante na direção da fundamentação de uma reformulação das regras sociais, que sofrem no nível da sociedade global uma corrosão cada vez mais veloz. A liberdade que se descobre na contingência da individuação nem é em si positivo ou negativo; ela é tanto capaz de construir um novo nexos social na base da escolha de um sentido para todos, como é capaz de demitir as sociedades fragmentadas na desordem de um mundo sem sentido. Sartre não abriu mão da sua escolha humanista, mergulhou como poucos antes no mundo dos fenômenos sem nome, mas não conseguiu banir o perigo anômico com as armas da reflexão.

²⁴ Eis aí o grande tema, sem formula-o em nenhum lugar, do romance >O nome da Rosa< de Umberto Eco. No riso expressa-se a distância entre indivíduo e o valor tradicional; é então o inimigo mortal da autoridade e justifica até o assassinato dos que descobrem este segredo.

²⁵ Sartre, Jean-Paul (1970, 1943) *Das Sein und das Nichts*. Hamburg: Rowohlt, p.554. (trad. FJB). Original: Sartre, Jean-Paul (1943) *L'être le néant*. Paris: Gallimard.

Referências:

- ADORNO, Th. W. (1970) *Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp
- BANDRY, L. (1950) *La Querelle des futurs contingents*, Paris.
- BECKER-FREYSENG, A. (1938) *Die Vorgeschichte des philosophischen Terminus >contingens<*.
- BRÜSEKE, Franz Josef (1994) *A Anomia e a Consciência do Absurdo*, Paper N° 19, NAEA, UFPA, Belém
- DRUMMOND de Andrade, Carlos (1942) *Poemas*
- ECO, Umberto (1980) *O nome da Rosa*. Lisboa: Difel
- HABERMAS, Jürgen (1988, 1981) *Theorie des kommunikativen Handelns*. Vol.1 e 2, Frankfurt: Suhrkamp Verlag
- HEGEL, G.W.F. (1968) *Gymnasialrede von 1809*, in: Hegel Studienausgabe 1, pp.29, Karl Löwith e Manfred Riedel orgs., Frankfurt e Hamburg: Fischer
- HEGEL, G.W.F. (1986) *Wissenschaft der Logik I & II*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, §158; Esp: Hegel (1968) *Ciencia de la Lógica*. Buenos Aires: Solar, Hachette. §158
- HUSSERL, Edmund (1958) *Die Idee der Phänomenologie*. Haag: Martinus Nijhoff
- HUSSERL, Edmund (1963) *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*; Husserliana Vol. 1, Haag: Martinus Nijhoff
- ISRAEL, Joachim (1972) *Der Begriff Entfremdung - Makrosoziologische Untersuchung von Marx bis zur Gegenwart*. Reinbek bei Hamburg 1972.
- LÖWITH, K. Riedel, M. (1968) *Einleitung zu Hegel Studienausgabe*, Frankfurt: Fischer Verlag
- MARX, K. (1966) *Einleitung zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*. In: Marx-Engels-Studienausgabe, Bd, 1, pp. 17. Frankfurt a.M.: Fischer
- MARX, K. *Das Kapital*. In: Marx Engels Werke, vl. 23; Berlin: Dietz Verlag, 1972. Reprodução da quarta edição do Capital, revisada por Friedrich Engels em 1890
- MARX, K. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie - Rohentwurf 1857-1858*. Frankfurt, Wien: Europäische Verlagsanstalt. Facsimile da edição de 1939 (1.vl.) e 1941 (2.vl.) da editora para literatura estrangeira: Moscow.
- MARX, K. *Ökonomisch-Philosophische Manuskripte*. In: Karl Marx. Texte zu Methode und Praxis II - Pariser Manuskripte 1844. Hamburg 1968: Rowohlt
- MARX, K., Engels, F. (1987) *A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)* Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec
- NISBET, Robert A. (1986) *As idéias-unidades da sociologia*. In: José de Souza Martins (Orgs.) *Introdução crítica à sociologia rural*. Sao Paulo: Hucitec. Original: Robert A. Nisbet, *The Sociological Tradition* (Cap.1, The unit-ideas of sociology) Heinemann: London 1973, pp. 3-20.
- SARTRE, Jean-Paul (1970, 1943) *Das Sein und das Nichts*. Hamburg: Rowohlt. Original: Sartre, Jean-Paul (1943) *L'être le néant*. Paris: Gallimard
- SEEMANN, M. (1961) *On the meaning of Alienation*. In: *American Sociological Review* XXVI, p.753-758

WEBER, Thadeu (1993) *Hegel: Liberdade, Estado e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.38